

# 4. Para além da coerência, o relacionamento com uma Presença

por Julián Carrón\*

Como que marcado pela novidade daquilo que estava a dizer sobre a opinião dominante, quase que captando o nosso incómodo diante destas palavras, Giussani faz vir ao de cima a pergunta que tanto inquieta cada um de nós: «Mas por que é que o “sim” de Simão é a nascente da moralidade? Não vêm antes os critérios de coerência e incoerência? Pedro tinha feito trinta por uma linha». Não se trata de pintar a realidade com outras cores. Sim, «Pedro tinha feito trinta por uma linha, e ainda assim vivia uma simpatia suprema por Cristo». Para nós, estas duas coisas são quase incompatíveis, não conseguimos juntá-las. Contudo – que libertação ouvir isto! –, Pedro surpreendia-se ao sentir que tendia para Cristo, «percebia que tudo em si tendia para Cristo, que tudo se concentrava naqueles olhos, naquele rosto, naquele coração. Os pecados passados não podiam constituir objeção e muito menos toda a imaginável incoerência futura: Cristo era a fonte, o lugar da sua esperança. Ainda que objetassem o que ele fizera ou o que poderia fazer, Cristo continuava, por entre a névoa daquelas objeções, a ser a fonte de luz da sua esperança. E ele estimava-O acima de qualquer outra coisa, desde o primeiro momento que se sentira fixado por Ele, olhado por Ele: amava-O por isso».<sup>1</sup> Como aconteceu com Maria Madalena. Percebem por que razão O procurava dia e noite? Não porque tinha de fazê-lo, mas porque não podia deixar de O procurar dia e noite.

«“Sim, Senhor, Tu sabes que és o objeto da minha simpatia suprema, da minha estima suprema”: assim nasce a moralidade [a partir da relação com Cristo]. E porém a expressão é muito genérica: “Sim, eu amo-Te”: mas é tão genérica quanto geradora de uma diversidade de vida almejada».<sup>2</sup> Vocês já precisaram de ler estas coisas para conseguirem olhar para vocês mesmos? Não acredito – confesso-vos – que já tenha lido alguma coisa mais vezes do que estas páginas: para olhar para mim, para poder abraçar-me, para poder olhar para mim como Ele me olha, para poder surpreender aquela simpatia que arrasta tudo. Nunca agradeceremos o suficiente a Dom Giussani o fato de podermos olhar-nos assim, o que quer que tenhamos feito, voltando constantemente a estas páginas, para redescobrir o que nos permite olhar para nós mesmos deste modo.

Com uma atenção única para conosco, para não deixar nada de fora, para evitar que o «sim» de Pedro se torne para nós uma armadilha, uma medida sufocante, Dom Giussani faz-se a »

\* Do livrinho dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2016.

© 2016 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón «*Amei-te com um amor eterno, tive piedade do teu nada*».

» pergunta que o moralismo que temos em nós nos levaria a fazer: «O sim de São Pedro traduziu-se automaticamente numa coerência?». Resposta: «Nem pouco mais ou menos! Recuso-me a acreditar nisso! Há aquele sim, e ele tem uma consistência última misteriosa, no seu nexos com aquela presença, com a atração e a humanidade daquela presença»,<sup>3</sup> aquele «sim» tem uma tal consistência, que chega a desconcertar quem exige um relatório, de si e dos outros, é muito mais consistente do que qualquer balanço.

E então? Se o «sim» não garante a impossibilidade de errar, como ficar diante dos nossos previsíveis erros? Dom Giussani citava muitas vezes, a este propósito, uma frase da Primeira Carta de São João: «E todo aquele que tem esta esperança n'Ele, torna-se puro, assim como também Ele é puro».<sup>4</sup> O que significa? Que «a nossa esperança está em Cristo, naquela Presença que, por mais distraídos e desmemoriados que sejamos, já não conseguimos tirar – pelo menos, não até ao último pedaço – da terra do nosso coração, graças a toda a tradição através da qual ele chegou até nós». Cristo é uma presença que já não conseguimos erradicar da nossa terra, da terra do nosso coração. «É n'Ele que tenho esperança, antes de ter contado os meus erros e as minhas virtudes. Não cabem, aqui, as contas numéricas. Na relação com Ele, o número não tem cabimento, o peso medido e mensurável não tem lugar, e toda a possibilidade de mal que se pode realizar em mim no futuro, esta tampouco tem lugar, não consegue usurpar o título primário que possui, diante do olhar de Cristo, o “sim” de Simão por mim repetido. Então jorra algo do meu fundo, como um fôlego que sobe do peito e inebria toda a pessoa e a faz agir, a faz desejar agir de forma mais justa: jorra, irrompe do fundo do coração, a flor do desejo da justiça, do amor verdadeiro, autêntico, da capacidade de gratuidade. Como o início de toda a nossa ação não é uma análise do que os olhos veem, mas um abraço daquilo que o coração espera, assim a perfeição» – atenção, a perfeição – «não é despachar leis, mas aderir a uma Presença».<sup>5</sup>

Não é do perdão que nasce, certamente, o desejo de errar outra vez. Só quem nunca foi perdoado é que pode pensar assim: «Já que fui perdoado, faço-o outra vez». Pode até fazê-lo, mas não o deseja realmente. Na verdade, o que a pessoa surpreende em si mesma é o desejo de agir de forma mais correta. «Só o homem que vive esta esperança em Cristo é que continua toda a vida na ascese, no esforço pelo bem. E mesmo quando ele é evidentemente contraditório, deseja o bem. Isto vence sempre, no sentido em que é a última palavra sobre si, sobre o próprio dia, sobre aquilo que se faz, sobre aquilo que se fez, sobre aquilo que se vai fazer. O homem que vive esta esperança em Cristo continua na ascese. A moralidade é uma tensão contínua para o “perfeito” que nasce de um acontecimento em que uma relação com o divino, com o Mistério, está *implicada*».<sup>6</sup>

A moralidade cristã, então, não pode constituir de algum modo um aval dos nossos erros. Mas muito menos o é ficarmos sufocados com o número dos nossos erros, como diz Dom Giussani: «Na relação com Ele, o número não entra», não conta. A moralidade cristã é uma tensão que nasce do espanto pelo amor de Cristo.

<sup>1</sup> L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, p. 84.

<sup>2</sup> *Ibidem*.

<sup>3</sup> *Apontamentos de um encontro da Diaconia de CL Espanha com Dom Giussani*, conservado na Secretaria Geral de CL, Milão, 15 de maio de 1995.

<sup>4</sup> 1 Jo, 3, 3.

<sup>5</sup> L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 85.

<sup>6</sup> *Ibidem*.